

SAQUE E RECEPÇÃO: ANÁLISES PRAXIOLÓGICAS SOBRE SUAS INFLUÊNCIAS NO VOLEIBOL

Felipe Menezes Fagundes – Universidade Federal de Santa Maria

felipemfagundes@live.com

Raquel Valente de Oliveira – Universidade Federal de Santa Maria

raquelvvalente@hotmail.com

João Francisco Magno Ribas – Universidade Federal de Santa Maria

ribasjfm@hotmail.com

RESUMO

O seguinte trabalho busca discutir as relações estabelecidas entre o saque e a recepção dentro do Voleibol, buscando compreender a forma como esses dois momentos do jogo influenciam no decorrer de uma partida, tendo como base os conceitos da Praxiologia Motriz. A partir da pesquisa bibliográfica, caracterizamos as interações já descritas na literatura atual, com o intuito de evidenciá-las como aspectos relevantes para as diversas tomadas de decisão necessárias durante o saque e a recepção. Ainda, propomos outras possíveis interações que podem surgir entre esses dois momentos, corroborando que as relações entre companheiros e adversários são de suma relevância para qualquer ação motriz dentro do jogo. Dessa forma, entendemos que os momentos do jogo de Voleibol precisam ser entendidos em sua totalidade, não os reduzindo apenas a sua finalidade imediata, compreendendo a influência de cada um deles na lógica interna do jogo.

Palavras chave: Voleibol. Praxiologia Motriz. Tomada de Decisão. Processo de Ensino-aprendizagem.

1 – INTRODUÇÃO

O Voleibol apresenta-se como um esporte dinâmico e contagiante por caracterizar-se como um jogo que eminentemente demanda a cooperação, pois a regra do mesmo não possibilita a individualização dos ralis, proibindo

consecutivos toques na bola. Desta forma, é necessário que todos estejam empenhados a alcançar determinado objetivo, cooperando entre si e criando as melhores formas para pontuar contra a equipe adversária, configurando-se, segundo a Praxiologia Motriz, como uma atividade sociomotriz de cooperação-oposição.

Todavia, o saque é um momento do jogo em que a cooperação não se evidencia de forma tão clara, visto que não necessita da relação direta com o companheiro, pois esta ação motriz nada mais é do que colocar a bola em jogo. Analisando-se dessa maneira, o saque pode ser entendido, dentro desse Sistema de Classificação, como um momento sociomotriz de oposição. Em sequência disso, temos a recepção que se caracteriza pela preparação para o ataque, o qual se objetiva interceptar a bola advinda do saque evitando que a mesma toque a quadra, classificando-se como um momento sociomotriz de cooperação, se percebidos apenas os seus objetivos principais.

Entretanto, quando o saque e a recepção estão inseridos no momento do jogo de Voleibol, outras relações se estabelecem a partir da finalidade de cada um deles dentro da lógica interna do jogo. Por mais simples que pareçam, estes dois momentos apresentam uma série de interações e adaptações acerca de suas aplicações, pois além de serem momentos sequenciais dentro do jogo, também se apresentam com objetivos e interações totalmente divergentes. Enquanto o sacador visa colocar a bola no chão da quadra adversária (oposição), o passador busca receber a bola da melhor maneira possível para facilitar o levantamento (cooperação), implicando na necessidade de cada jogador antecipar-se e adequar-se a ação motriz do outro, para que consiga atuar acertadamente dentro do jogo, conforme apresenta Ribas (2014) no processo de caracterização dos distintos momentos do jogo de Voleibol.

Tendo isso em vista, esse trabalho busca desvelar o saque e a recepção, explorando as interações estabelecidas entre os mesmos. Com isso, pretende-se caracterizar e sistematizar esses momentos do jogo de Voleibol, a partir das relações praxiológicas, contribuindo com novos horizontes para o

entendimento dos mesmos, auxiliando no processo de ensino-aprendizagem dessa modalidade, desde o alto nível até a iniciação esportiva.

Para isso, utilizamos da pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2008: 50), “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Lakatos e Marconi (2003: 183) complementam que esse tipo de pesquisa deixa “o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto”. A partir disso, a pesquisa desenhou-se com um cunho qualitativo e explicativo, para que pudéssemos caracterizar esses dois momentos do jogo e identificar as relações praxiológicas estabelecidas entre eles.

Para delimitação do referencial teórico, utilizamos os quatro critérios apontados por Salvador (1986), sendo eles parâmetro temático, parâmetro linguístico, principais fontes e parâmetro cronológico. Tendo esses conceitos como base para a escolha do referencial teórico, foram consideradas relevantes as obras que discutem as relações presentes no saque e na recepção, bem como também aborde os conceitos propostos pela Praxiologia Motriz. Dessa maneira, utilizou-se como base para esse estudo o livro “Praxiologia Motriz e Voleibol – Elementos para o Trabalho Pedagógico”, organizado por Ribas (2014), que aborda de forma ímpar no cenário acadêmico as possíveis relações nos diversos momentos do jogo de Voleibol. Ainda foram abordados outros poucos artigos e trabalhos que têm temática convergente as ideias apresentadas pela Praxiologia Motriz acerca do Voleibol.

2 - PRAXIOLOGIA MOTRIZ

A Praxiologia Motriz, criada pelo professor Pierre Parlebas, estuda as ações motrizes de quaisquer situações e práticas motrizes. Sendo assim, podemos, em outras palavras, definir a Praxiologia Motriz, conforme seu criador, como “a ciência da ação motriz e especialmente das condições, modos de funcionamento e resultados de seu desenvolvimento” (Parlebas, 2001: 354).

Integrado à Praxiologia Motriz, Parlebas elaborou o chamado Sistema de Classificação (CAI) que tem por finalidade o conhecimento da essência de jogos e esportes. Para a elaboração desse sistema, o mesmo levou em consideração a presença e a ausência de companheiros (C) e/ou adversários (A) e a relação com o entorno físico, ou seja, a presença ou a ausência da incerteza do meio (I). Dessa forma, a Praxiologia Motriz entende que as interações dentro do jogo podem ser estabelecidas de diversas maneiras, sendo entre os jogadores, dos jogadores com o espaço de jogo, dos jogadores com o material/elemento do jogo ou dos jogadores com o tempo do jogo. Tendo em vista as características do voleibol de quadra, nos prenderemos nas relações existentes entre jogadores, sendo que quando estabelecidas entre os companheiros denomina-se comunicação e quando evidenciada com os adversários, chama-se contracomunicação.

Ao que diz respeito à presença ou a ausência da interação motriz entre os jogadores que estão inseridos no jogo, Parlebas (2001) traz que há quatro grandes grupos analisado a partir desse critério de interação, que são: sem interação ou psicomotriz; interação de oposição ou sociomotriz de oposição; interação de cooperação ou sociomotriz de cooperação e interação de oposição e cooperação simultânea ou sociomotriz de cooperação-oposição

Sendo assim, todos os esportes coletivos de modo geral, bem como afirmam Lagardera e Lavega (2003: 79) “os jogadores intervêm com a colaboração de companheiros e a oposição de adversários. Se trata das práticas correspondentes aos esportes de duelo coletivo”. Nessas referidas práticas, os jogadores devem ler e interpretar o comportamento motor dos outros participantes. Ao mesmo tempo em que as mensagens devem ser as mais claras possíveis aos seus companheiros de mesma equipe com o intuito de facilita-las para o bom êxito do jogo, as mesmas devem ser mais obscuras e duvidosas possíveis para seus adversários, tornando incertas as atitudes que irão desempenhar e cumprir no decorrer do jogo. Sobre o Voleibol, Ribas (2014) complementa que “as incertezas dos jogos se dão por conta das

interações de oposição e cooperação que acontecem simultaneamente no decorrer do jogo” (Ribas, 2014: 27).

O entendimento que a Praxiologia Motriz traz para cada momento do Voleibol, com suas respectivas ações motrizes, são de suma importância para a atuação de seus jogadores. Segundo os autores Lagardera e Lavega (2003: 67) essa lógica interna é “o modo peculiar como são pré-determinadas as ações motrizes de todo o jogo esportivo”. Sendo assim, a mercê desse entendimento da lógica interna fornecida pela Praxiologia Motriz é possível que os praticantes desse esporte compreendam como são estabelecidas as relações de cooperação e oposição no Voleibol. Dessa forma, a partir das interações de comunicação e contracomunicação propostas por Parlebas, é possível realizar a divisão do jogo de Voleibol, como propõe Ribas (2014), evidenciando-se 6 momentos distintos: saque, recepção, levantamento, ataque, bloqueio e defesa.

Ao compreendermos o Voleibol composto por diferentes momentos, se faz evidente o entendimento de que eles relacionam-se entre si e que, em suma, a tomada de decisão efetuada em cada momento do jogo se faz em decorrência da ação motriz ou da análise da ação motriz anterior, podendo esta ter sido realizada por companheiros ou por adversários. Tendo esse pressuposto básico, propõe-se que os processos de ensino-aprendizagem dos esportes de cooperação-oposição também se preocupem com as interações que se fazem presentes entre os jogadores. Corroborando isso, Fotía (2013: 76) afirma que o aluno, na iniciação, “precisa desenvolver uma compreensão de sua lógica interna através de tarefas globais (jogos simplificados e modificados), em vez de utilizar-se de técnicas analíticas”. Dessa maneira, a partir dessas relações estabelecidas, é possível desenvolver as referidas ações motrizes aplicadas em cada contexto específico do Voleibol, ou seja, em seus diferentes momentos de jogo.

Em sequência, serão abordadas as relações propostas e caracterizadas por Ribas (2014) no que diz respeito ao saque e a recepção, apontando as interações existentes entre os dois momentos. A partir disso,

discutiremos as aplicações dessas relações no contexto do jogo e a forma como elas acontecem, buscando entendê-las a partir do alicerce teórico da Praxiologia Motriz, configurando as relações no que diz respeito ao tipo de comunicação práxica, momento de execução de leitura e as possibilidades de leitura que podem ser realizadas dentro do saque e da recepção no Voleibol.

Vale ressaltar que as interações aqui abordadas incluem aspectos básicos, que são possíveis de serem desenvolvidos em quaisquer níveis de ensino, no entanto, também contempla relações mais apuradas, que se encaixam mais no alto rendimento. Assim sendo, cabe ao leitor perceber quais delas se aplicam mais ao contexto que se irão desenvolver esses dois momentos do jogo.

3 – SAQUE

O saque é o primeiro momento do jogo de Voleibol, pois com o mesmo a bola é posta em jogo, ou seja, é através deste que se inicia um ponto. Esse momento tem por objetivo principal dificultar a recepção da equipe adversária para que a mesma não consiga realizar uma boa preparação para o ataque que tende a vir posteriormente. Assim, o saque é “uma arma de ataque muito eficaz, um fundamento importante para se conseguir um ponto direto ou aquele que proporciona um controle maior da ação seguinte” (Castro et al 2014: 37). Em linhas gerais, o saque é um momento que pode gerar influências na ação organizacional do sistema ofensivo da equipe adversária, sendo uma importante ferramenta para obtenção de vantagem no início de cada rali.

3.1 Contracomunicação no Saque

Armação da Recepção do Adversário: a forma como a recepção adversária está configurada é um forte indicativo para a tomada de decisão no saque. Porém, é necessário que o sacador conheça as possíveis formações que a equipe adversária pode apresentar, sabendo interpretá-las e aproveitando suas fragilidades. Normalmente a recepção apresenta-se em forma de “W” ou “U”, sendo a primeira com um número maior de jogadores

passadores, enquanto a segunda privilegia um sistema mais ofensivo, normalmente já demandando outros papéis e subpapéis dentro do jogo.

Posicionamento do Levantador: a função do levantador dentro do Voleibol é executar o levantamento para seus companheiros. Para que isso aconteça, ele precisa efetuar o segundo toque na armação ofensiva da sua equipe. Um bom sacador deverá tentar dificultar ao máximo a ação desse levantador, seja sacando próximo do posicionamento que o ele ocupa, visando causar uma incerteza na realização do passe, ou ainda visando induzi-lo a receber a primeira bola, seja sacando em sua direção ou em seu deslocamento, para que ele não possa participar do levantamento, dificultando a armação ofensiva da equipe adversária.

Espaços Vazios: fortemente ligada à armação da recepção da outra equipe, é importante que o sacador tenha capacidade de observar os espaços vazios deixados pela recepção do outro time, com o intuito de utilizá-los a seu favor, forçando o adversário a deslocar-se para executar o passe, tentando desequilibra-lo.

Os Jogadores Que Participam da Recepção e Ataque: o direcionamento do saque no jogador que participa da recepção e também do ataque surge na tentativa de dificultar sua progressão para o ataque, diminuindo a velocidade da jogada e, conseqüentemente, facilitando o bloqueio e a defesa.

O Posicionamento do Jogador Líbero: com a criação do jogador Líbero, que é especialista em recepção e defesa, surgiu uma nova interação entre o sacador e a recepção. Devido a sua excelência no passe, o ideal é evitar com que o saque se direcione a esse jogador, porém, caso isso ocorra, que seja de uma forma extremamente dificultada, pois a probabilidade dele executar um passe adequado é bem maior do que os demais jogadores.

Principais Atacantes: relacionado com a interação acima abordada, também é possível direcionar o saque nos atacantes mais acionados pela outra equipe, com o intuito de dificultar a participação dele na sequência da armação

do ataque. Ressaltamos que se deve ter cuidado ao escolher este jogador, pois normalmente os principais atacantes são jogadores habilidosos e que tem boa capacidade de recepção, o que pode acabar não surtindo o efeito desejado.

Retificar a Ação Motriz No Instante Final: Ribas e Araújo (2014: 62) não trazem essa interação de forma direta, como uma relação propriamente dita, mas a caracterizam da seguinte maneira no discorrer de sua obra, afirmando que “[...] ainda que esta ação tenha um elevado grau de dificuldade de execução, o sacador poderá retificar o movimento final da ação, buscando desestruturar esta nova organização da equipe adversária.” Como nos propomos a identificar as relações presentes na recepção, percebemos que é importante acrescentá-la como um tipo de interação.

Capacidade de Recepção dos Adversários: conhecer a qualidade de execução do passe dos jogadores da equipe adversária é extremamente importante para realizar o saque, sabendo em quem e como realizar a ação motriz. Salienta-se que, normalmente, ou os jogadores com melhor recepção estarão mais expostos na linha de passe, ou então, os jogadores com passe mediano para ruim estarão passando com o intuito de liberar os melhores jogadores para o ataque.

Entrosamento dos Adversários: é importante conseguir perceber se há alguma falha de comunicação entre os jogadores adversários que compõe a recepção, tentando causar dúvida no momento de realização do passe.

4 – RECEPÇÃO

A recepção é um momento na qual a equipe se prepara para o ataque, assim sendo, ela tem uma grande importância na sequência dos demais momentos e conseqüentemente do jogo, pois se configura em interceptar o saque adversário, evitando que a bola toque o solo. Esse momento constitui-se de uma relação de oposição e cooperação simultaneamente, por ter uma interação com o saque, tentando interceptá-lo, e ao mesmo tempo cooperando

com seu levantador de forma a realizar um passe adequado para facilitar a ação deste posteriormente.

Com isso, podemos analisar que primeiramente a recepção age de maneira contracomunicativa com o saque, opondo-se ao mesmo e em sequência estabelece uma ação comunicativa com o levantador. Corroborando a isso, Ribas et al (2014: 71) afirma que “durante a recepção, as ações de cooperação deverão ser altamente organizadas para evitar que o adversário atinja seu objetivo. Por isso, elementos de comunicação serão essenciais para esta ação”. Com isso, esse sistema de comunicação se dá, além dos fatores já mencionados acima, através das funções de cada jogador em quadra em suas respectivas áreas de atuação.

4.1 – Contracomunicação na Recepção

Posição do sacador: a partir da análise do local de onde o saque será efetuado, já se torna possível a organização posicional da recepção. Podemos observar que quando o jogador se desloca mais para a ponta direita a recepção deve preocupar-se mais, respectivamente, com as posições 1, 4 e 6 da sua linha de passe, visto que é a região da quadra mais propícia para um saque com mais potência, dificultando (porém não inviabilizando) um saque mais potente na diagonal curta. O mesmo é perceptível quando o sacador se posiciona mais ao lado esquerdo da região de saque, desta vez a organização deve se dar com mais ênfase nas posições 5, 2 e 6. Ainda é possível que o sacador se posicione no centro da região de saque, resultando em uma preocupação maior do esquema de recepção nas diagonais longas e centro da quadra.

Direção do deslocamento do sacador: em sequência do que anteriormente foi abordado, deve-se estar atento a esse posicionamento e a possibilidade do adversário iniciar seu deslocamento em determinada posição e executar a ação motriz em outra. Por exemplo, o jogador se posiciona mais para o lado esquerdo da região de saque e, ao lançar a bola ao alto, direciona-

se mais para o centro da região de saque, visando surpreender a linha de passe.

Tipo de saque executado: sem dúvida essa é a interação mais evidente na relação entre saque e recepção, sendo que são considerados como pontos relevantes o tipo do saque, o alcance do sacador, a posição do mesmo em relação à quadra, movimento do braço, região mais propícia da chegada da bola, potência e efeitos empregados no saque.

Características do sacador: mais utilizados em alto nível e treinamento, essa etapa configura-se pelo conhecimento do repertório motor do sacador, ou seja, é o conhecimento prévio de quais são as formas que o sacador executa o fundamento e suas principais particularidades referentes ao mesmo. É evidente que na iniciação esse dito repertório não é tão extenso e tão pouco muito desenvolvido, porém vai ganhando relevância a partir do momento em que o aluno começa a dominar o fundamento e consegue explorá-lo de forma segura.

4.2 – Comunicação na Recepção

Posição do levantador da própria equipe: a principal função do passe é oportunizar ao levantador o maior número de possíveis jogadas de ataque, assim sendo, este acaba se tornando o segundo principal objetivo da recepção, visto que a mesma se constitui a modo de excluir o levantador da recepção da primeira bola para que o mesmo esteja livre para executar o levantamento.

Jogada marcada pelo levantador: determinados tipos de jogadas de ataque, por suas características, necessitam de um passe que chamamos de “A” o qual chega às mãos do levantador exatamente entre as posições 2 e 3 e com uma trajetória adequada para o levantamento de toque, possibilitando 4 opções de ataque para sua escolha. Atenta-se que, em iniciação, essas peculiaridades ainda não precisam ser abordadas, contudo, com o passar do desenvolvimento do aluno dentro do jogo, essas questões começam a

apresentar-se como principais para que se avance no funcionamento dos esquemas de jogo.

5 – Outros entendimentos para saque e recepção

Tendo como pressuposto básico as interações propostas por Ribas (2014), conseguimos ver que tanto saque quanto recepção são momentos extremamente complexos e que dependem de vários aspectos ligados diretamente a lógica interna e as relações estabelecidas entre companheiros e adversários. Assim sendo, percebemos que é necessário ter um entendimento global dos momentos do jogo de Voleibol, em suma na recepção e no saque, não podendo caracterizá-los apenas como ofensivo ou apenas como defensivo, visto que cada situação motriz não está isolada dentro do sistema praxiológico, ou seja, do jogo em si.

Exemplificando, não se pode reduzir a recepção a um momento exclusivamente defensivo, pois a sua realização bem feita é essencial para a construção do sistema de ataque, se tornando também uma ferramenta ofensiva. O mesmo ocorre com o saque, pois mesmo estando em oposição com a outra equipe, um saque bem executado pode desestabilizar o ataque adversário, facilitando o sistema de bloqueio e de defesa, também se configurando uma ferramenta defensiva. Ou seja, em nenhum momento a equipe adversária deixa de existir para que não haja contracomunicação e o mesmo vale para os companheiros, já condicionando a comunicação, obrigatoriamente.

Com isso, não propomos aqui uma nova classificação ou denominação para o saque e para a recepção, mas sim um entendimento mais amplo sobre as consequências que esses momentos têm dentro do jogo, indo além da sua aplicação momentânea, entendendo que os momentos do jogo de Voleibol são lineares e, conseqüentemente, uma situação motriz influi na outra. Ao repensarmos esses dois momentos do jogo, com esse enfoque mais interativo entre eles, conseguimos perceber outras relações que também se estabelecem

de forma relevante para a tomada de decisão durante o saque e a recepção, assim, as explicaremos situando e caracterizando suas aplicações dentro da lógica do jogo.

No momento em que o jogador executa um saque, percebemos que a *Possibilidade de Bloqueio da Sua Equipe* é um processo de comunicação que pode influenciar na ação do motriz do sacador, pois ao perceber que seus companheiros com boa capacidade de bloqueio estão na rede, o jogador pode optar por um saque mais tático. Nesse caso, se objetiva minimizar o risco de erro ao sacar, passando a bola para o outro lado e tentando pontuar com o sistema de bloqueio.

Esse tipo de interação acontece mais em alto nível, sendo uma tática normalmente aplicada quando a equipe está atrás no placar. Assim, o treinador também pode realizar a substituição de alguns jogadores com boa capacidade de bloqueio, tentando intimidar o ataque adversário. Corroborando isso, Castro et al (2014: 37) afirmam que ao dificultar a armação do ataque, sacando em zonas determinadas, dificulta-se a construção do ataque por parte da equipe adversária, facilitando as ações de bloqueio e defesa. Assim, entendemos que a *Possibilidade de Bloqueio da Sua Equipe* se torna uma interação relevante porque há uma mudança direta na ação motriz do sacador ao estabelecer esse tipo de relação de comunicação com o bloqueio.

Já sobre a recepção, notamos que há uma forte relação com o levantador, pois a mesma se configura para deixá-lo livre do passe, buscando facilitar ao máximo as ações dele. Dessa forma, também se tornam relevantes as *Características do Nosso Levantador*, por exemplo, se ele não tiver grande estatura, a recepção deve ser realizada mais distante da rede, possibilitando com que ele execute o levantamento.

Outra característica importante de ser levada em consideração é a capacidade de deslocamento do levantador, fazendo com que o passe tenha uma parábola maior, caso o levantador não tenha grande velocidade, ainda mais em sistemas de jogo que utilizam infiltração. Matias (2009: 137) corrobora

isso afirmando que “quando a qualidade do primeiro toque é baixa, as opções dos levantadores limitam-se basicamente a uma ação de correção.” Também acreditamos que essa interação se faz relevante, visto que serão realizadas alterações na forma de execução da recepção devido as mais diversas características apresentadas pelo levantador da equipe.

Outra interação que foi pensada para a recepção foram os *Espaços Vazios*, sendo que essa relação já foi citada no saque por Ribas (2014), mas não abordada como uma possibilidade de interação na recepção. Em nível de contracomunicação, a estruturação da recepção pode deixar propositalmente um espaço vazio na quadra, visando induzir o saque naquela região, possibilitando a antecipação e a realização tranquila do passe. Essa interação se torna pertinente a partir do momento em que há uma alteração da armação da recepção e a emissão de uma mensagem equivocada para o adversário, com o intuito de surpreendê-lo.

Por fim, ainda propomos que a interação referente à *Posição do Levantador da Própria Equipe* deve ser considerada tanto antecipadamente a ação motriz, bem como evidenciada por Ribas (2014), mas também é relevante durante a execução da recepção, ou seja, em uma Análise Situacional. Como o levantador precisa se deslocar para realizar o levantamento, é importante perceber no momento da realização do passe: a distância entre o passador e o levantador, o local na quadra que se encontra o levantador e, caso ocorra, a trajetória de infiltração do mesmo.

Assim sendo, sistematizamos as interações propostas por Ribas (2014) em forma de tabela para que melhor possam ser percebidas essas relações (Tabela 1 – Interações Presentes no Saque e na Recepção), sendo estruturada a partir do tipo de interação motriz (comunicação ou contracomunicação) e sobre a realização da leitura, podendo ser uma Análise Antecipada (antes da execução da ação motriz), Análise Situacional (durante a execução da ação motriz) ou derivada do Conhecimento Prévio do Adversário (características da outra equipe). As interações sublinhadas na tabela abaixo foram propostas por nós a partir de leitura, interpretação, análise e discussão do referencial teórico

abordado. Com isso, novas considerações podem ser feitas em relação a elas, com o intuito de melhorá-las qualitativamente.

MOMENTO DO JOGO	MOMENTO DA ANÁLISE	COMUNICAÇÃO	CONTRACOMUNICAÇÃO
SAQUE	Análise Antecipada	➤ <u>Possibilidade de Bloqueio da Equipe</u>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Espaços vazios ➤ Armação da recepção do adversário ➤ Posicionamento do levantador adversário ➤ Jogadores que participam da recepção e ataque ➤ Posicionamento do jogador líbero ➤ Principais atacantes
	Análise Situacional	–	➤ Retificar a ação motriz no instante final
	Conhecimento Prévio do Adversário	X	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Adversários de melhor e pior recepção ➤ Entrosamento dos adversários
RECEPÇÃO	Análise Antecipada	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Posição do levantador da própria equipe ➤ Jogada marcada pelo levantador ➤ <u>Características do Nosso Levantador</u> 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Posição do sacador ➤ <u>Espaços vazios</u>
	Análise Situacional	➤ <u>Posição do levantador da própria equipe</u>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Direção do deslocamento do sacador ➤ Tipo de saque executado
	Conhecimento Prévio do Adversário	X	➤ Características do sacador

Tabela 1 – Interações Presentes no Saque e na Recepção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos, nesse estudo, caracterizar o saque e a recepção como momentos relevantes para a sequência do jogo de Voleibol, pois se ambos não forem executados de forma adequada, os demais momentos posteriormente não são realizados. Essa importância do entendimento global dos seis momentos do jogo de Voleibol se faz necessária para que se tenha uma concepção mais crítica e teórica do jogo como um todo, é preciso também entender cada um de seus momentos, o seu principal objetivo, assim como

suas características, suas interações de cooperação e de oposição, além de ter a capacidade de leitura de seus adversários e companheiros para atuar acertadamente dentro do jogo.

A partir disso, pode-se afirmar que o caráter que a jogo assume influencia totalmente nas interações estabelecidas nele, sejam elas de cooperação ou de oposição. Corroborando a isso, Tubino (1992 apud KUNZ: 2004), propõe os conceitos de Esporte-performance, Esporte-participação e Esporte-educação, na qual suas interações se tornam diferentes perante o caráter do jogo. Assim, podemos dizer que, se o jogo apresentar um caráter de performance, profissional ou ainda extremamente competitivo, as interações de comunicação e de contracomunicação serão vistas e interpretadas de uma certa maneira. Por exemplo, o saque será mais agressivo, tentando anular a recepção do time adversário, ou seja, haverá maior preocupação com a contracomunicação. Por outro lado, se o jogo assume um caráter participativo e lúdico os jogadores certamente não se preocuparão tanto com isso, pois a prática desse jogo tem uma como objetivos a diversão, o lazer e a participação, evidenciando mais o processo de comunicação.

Dessa forma, com o estudo em questão foi possível constatar a importância do entendimento das interações existentes nos momentos do jogo de Voleibol, sendo que sua análise nas escolas para a utilização nas aulas Educação Física pode levar aos alunos a obtenção de um maior entendimento desse esporte, auxiliando também professores e outros profissionais da área a desenvolver um trabalho mais didático e pedagógico sobre o saque e a recepção e suas interações existentes em seus momentos, ajudando-os no processo de ensino-aprendizagem de dois momentos elementares do Voleibol.

Referências

Castro, H. O; Cavalli, I; Silva, C. J. A.; Greco, P. J. (2014). Interação no Curso das Ações de Saque e Bloqueio no Voleibol Juvenil. Campinas - Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, v. 12, n. 3, p. 34-54.

Fotía, J. (2013). Voleibol, Lógica Interna e Iniciación. Las Palmas Del Gran Canaria: ACCAFIDE, Acción Motriz, v. 10. Disponível em: <http://www.accionmotriz.com/documentos/revistas/articulos/10_6.pdf> Acesso em: 12 jan. 2015.

Gil, A. C. (2008). Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. São Paulo, Editora Atlas S.A., 6ª edição.

Lagardera Otero, F.; Lavega Burgués, P. (2003). Introducción a la praxiología motriz. Barcelona: Editorial Paidotribo.

Lakatos, E. M; Marconi, M. A. (2003). Fundamentos de Metodologia Científica - São Paulo: Editora Atlas, 5ª edição.

Matias, C. J. A. da S. (2009). O Conhecimento Tático Declarativo e a Distribuição de Jogo do Levantador de Voleibol: da Formação ao Alto Nível.

Parlebas, P. (2001). Juegos, deporte y sociedad: léxico de praxiología motriz. Barcelona: Paidotribo,

Ribas, J.F. M; Araújo, P. A. (2014). Início do Jogo: Saque. In: Ribas, J. F. M. (Org.) Praxiologia Motriz e Voleibol – Elementos para o Trabalho Pedagógico (p. 57-67) Ijuí, Editora UNIJUÍ.

Ribas, J.F. M; Baldicera, M. C. R; Araújo, P. A; Togni, E. (2014). Preparando Para o Ataque: Recepção. In: Ribas, J. F. M. (Org.) Praxiologia Motriz e Voleibol – Elementos para o Trabalho Pedagógico. (p. 69-80). Ijuí, Editora UNIJUÍ.

Salvador, A. D. (1986). Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica. Porto Alegre: Sulina.

Tubino, M. J. G. (1992). Dimensões sociais do esporte. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, apud KUNZ, E. (2004) Transformação didático-pedagógica do esporte. 6. ed. Ijuí: Unijuí.